

A palavra como arma – literatura e resistência nos contos de Manuel Tiago/Álvaro Cunhal

Ana Margarida Ramos

Universidade de Aveiro

A cabeça branca agora,
pela argúcia esculpida e pela História,
ao lado dos servos da gleba
contra os vermes e os donos deste mundo.

João Pedro Mésseder, *Uma Pequena Luz Vermelha* (1999)
(Porto: Sector Intelectual do Porto do PCP)

Palavras-chave: conto, resistência, intervenção, política.

Keywords: short story, resistance, intervention, politics.

A leitura da obra literária de Álvaro Cunhal, assinada com o pseudónimo Manuel Tiago, está quase sempre inquinada por um conjunto de preconceitos que, de forma mais ou menos explícita, perpassam os textos de teor crítico e/ou ensaístico dedicados a este autor. Oscilando entre a defesa do talento literário da figura de proa do PCP e a recusa absoluta de qualidades estéticas aos seus textos, os autores digladiam-se, não raras vezes invocando argumentos da ordem do extraliterário. É certo que, na leitura do texto literário, interferem pressupostos ligados às expectativas do leitor, à sua enciclopédia e, possivelmente, às suas convicções políticas e mesmo partidárias. O universo de escrita dos textos também não pode ser radicalmente amputado da leitura dos mesmos, mas, no caso de Álvaro Cunhal, a ligação aos contextos quer de produção quer de recepção dos textos afasta a atenção da sua efectiva materialidade e adultera-os de forma significativa.

Assim, a par dos críticos que, como Urbano Tavares Rodrigues, sublinham a originalidade da perspectiva narrativa adoptada, a fluidez da escrita e a capacidade de expressão da sua «ficção testemunhal», outros, como António Guerreiro, lêem os seus textos como panfletários e estritamente autobiográficos, constituindo aplicações de uma ideologia codificada, quando não exaurida e moribunda. Pacheco Pereira observa, ainda, como a prática literária parece servir a construção do mito de Cunhal, esforçando-se, nas muitas centenas de páginas que constituem a sua biografia não autorizada, por estabelecer relações de proximidade entre a vida do autor (e os acidentes que a caracterizam) e a das suas personagens, considerando-as como marcas de menoridade artística e ignorando a pertinência e até a actualidade de todo um conjunto de investigações na área dos estudos autobiográficos. Pacheco Pereira¹, o biógrafo e historiador, faz uma leitura da obra de ficção de Manuel Tiago / Álvaro Cunhal demasiado «ao pé da letra», sublinhando sobretudo a sua vertente autobiográfica. Na sua leitura, atendendo também à data de publicação da obra, afirma que o tempo da ficção dos textos de Manuel Tiago é sempre anterior ao 25 de Abril, lendo nesta opção uma espécie de renúncia do autor ao tempo presente e ao Portugal – possivelmente ao PCP – posterior a 1974. Contudo, esta afirmação acaba por ser desmentida pela publicação de textos que revisitam Portugal contemporâneo, pós-Abril. E, ainda que as narrativas se centrem nas actividades dos militantes do partido, os narradores não deixam de dar conta das dificuldades de comunicação com o povo, das alterações significativas ocorridas em Portugal, tanto do ponto de vista social como económico, mantendo, contudo, a mesma atitude de esperança e de desafio – diria mesmo de resistência – face ao *status quo*. Ana Margarida Carvalho também aponta para esta leitura sobreposta da vida e da obra de Cunhal, ao afirmar que «Pacheco Pereira utiliza excertos das suas obras como se fossem assumidamente autobiográficas» (Carvalho, 2006: 21), destacando como na vida e na obra se sucederam e sobrepuseram várias máscaras e disfarces, num jogo próximo da heteronímia, tal a confusão de identidades.

A discussão sobre a natureza autobiográfica da obra de Manuel Tiago tem apaixonado os investigadores que procuram, com recurso à produção literária, completar as lacunas e as omissões sobre o percurso de Álvaro Cunhal, mantido parcialmente secreto e desconhecido. Tal leitura parece ser reforçada pela tardia revelação da autoria dos textos e pela manutenção do uso do pseudónimo. Existem, além disso, pontos de contacto entre os acontecimentos biográficos e os universos recriados nos textos, nomeadamente no que diz respeito à vivência na clandestinidade, ao tempo da prisão e às circunstâncias da fuga, ao exílio, à passagem por Espanha na altura da Guerra Civil, ao serviço militar exercido na companhia dos corrêcios, as travessias da Europa,

¹ Confrontar com: «“Tiago” não é um pseudónimo, nem um heterónimo. É Cunhal, ele mesmo, usando máscaras, porque gosta de máscaras» (Pereira, 1999: XVII).

a actividade docente... Pacheco Pereira, ao aproximar a obra literária da biografia do autor em questão, destaca que «Álvaro Cunhal não tem feito outra coisa nos últimos anos que não seja contar-nos a sua vida. Fá-lo de uma forma que lhe permite fornecer confidências» (Pereira, 1999: XII), o que lhe permite concluir que a figura e a vida do dirigente comunista se confunde – porque lhe serve de inspiração – com as das suas personagens.

A verdade é que a leitura dos textos de Manuel Tiago parece decorrer de uma espécie de profissão de fé: ou se defende e se canta o seu autor, ou se derruba e se denigre a sua imagem.

Assim, é propósito deste breve estudo, no que ao conto diz respeito, procurar realizar uma análise tão rigorosa quanto possível, identificando as linhas força da produção literária de Manuel Tiago, bem como a evolução ocorrida ao nível do tratamento dos temas e da época histórica revisitada. Oscilando significativamente no que à forma diz respeito, os contos deste autor vão desde as poucas páginas das narrativas incluídas em *Fronteras* (1998), a uma estrutura próxima da da novela em *Lutas e vidas. Um conto* (2003). Aliás, a semelhança, quer do ponto de vista estrutural, quer do universo recriado, entre as narrativas mais breves e os romances, permite perceber como as primeiras, mais frequentes nas últimas publicações do autor, retomam os temas dos segundos, os ambientes e, mesmo, algumas personagens. Verifica-se, como teremos oportunidade de ver, contudo, uma evolução do ponto de vista cronológico, com a presença de momentos já posteriores à Revolução de 1974. Assim, a produção narrativa pode ser dividida em dois grandes grupos, a saber: 1 – textos que revisitam o momento anterior ao 25 de Abril e que, na esteira de *Até Amanhã, Camaradas*, configuram o universo de resistência anti-fascista dos militantes comunistas; 2 – textos que, situados cronologicamente depois do 25 de Abril, dão conta da necessidade, mesmo em democracia, da manutenção da luta comunista, explicitando as dificuldades do partido, as cisões internas e os conflitos que marcaram, nos anos mais recentes, a evolução e o desenvolvimento daquele movimento político em Portugal.

Iniciada em 1974, com a publicação de *Até amanhã, camaradas*, a obra de Manuel Tiago inclui, além deste romance inaugural, escrito alguns anos antes, durante a prisão do autor, mais três romances, a novela *Cinco dias, cinco noites*, cuja primeira edição data de 1975, e quatro edições de contos, a mais recente de 2003, altura em que sai a público *Lutas e vidas. Um conto*. É sobre estas edições que se vai debruçar preferencialmente este estudo, não esquecendo dois textos destinados ao público infantil, o primeiro dos anos 30 do século XX e o segundo, *Os Barrigas e os Magriços* (Anexo 1), uma curiosa parábola sobre o 25 de Abril de 1974, datado de 7 de Junho de 2000, e divulgado na Revista *Visão*.

Alvo de adaptações, nomeadamente para o cinema e para a televisão, a obra narrativa de Manuel Tiago conheceu um mediatismo que também não passou despercebido.

O romance *Até amanhã, camaradas* conheceu a adaptação para série televisiva em seis episódios de 60 minutos, em 2005, realizada por Joaquim Leitão. O caso de *Cinco Dias, Cinco Noites* (realização de José Fonseca e Costa, 1996) foi aquele que alcançou mais visibilidade, incluindo alguns prémios nacionais e internacionais, para além do favor da crítica e do público. A explicação residirá não só no elenco de actores escolhido, mas também na facilidade da adaptação de uma narrativa que, com a secura que caracteriza o autor, se cinge ao essencial, explora os sentidos do que não é dito e tem que ser inferido a partir das relações humanas e da interacção entre os indivíduos.

Sophia de Mello Breyner Andresen, numa mensagem que gravou para Álvaro Cunhal aos microfones da Antena I, transmitida em 20/3/1997, a propósito de uma entrevista ao autor, dizia: «O seu livro *Cinco Dias, Cinco Noites* é um dos melhores textos portugueses narrativos deste século. Um livro conciso, onde nada há de ornamental, nada de desnecessário. Um texto denso, intenso, palavra por palavra. Sem nada de hirto ou rebuscado. Um texto simultaneamente estruturado e vivo. E que através de uma construção linear deixa intacta a respiração do mistério. Um livro escrito rente ao real, rente ao visível, mas que cria um vasto espaço de mito [...] *Cinco Dias, Cinco Noites* é talvez a primeira prosa narrativa portuguesa que pertence ao século XXI.» (apud Rodrigues, 2006: 12).

É óbvio que não podemos camuflar a questão do pragmatismo da obra literária de Cunhal, uma vez que, mais do que recriar o mundo, revisita o universo que tão bem conheceu e, cada uma das suas personagens, associadas à resistência, representa as facetas múltiplas do militante comunista. Para alguns críticos, como é o caso de Eduardo Cintra Torres², o protagonista dos seus romances mais emblemáticos é sempre o PCP, centro de toda a acção e alvo dos maiores elogios, o que resulta, no caso de *Até amanhã, camaradas!*, num «romance de tese, didáctico e escrito num estilo realista apagado» (Torres, 2005).

Contudo, parece-nos que a obra, mesmo que ideologicamente marcada, mantém, como elemento estrutural mais relevante, a articulação de uma dimensão épica, claramente conotada com a exaltação da actividade da resistência comunista, com outra fortemente trágica, ligada à tradição, ao fascismo, à reacção e ao *fatum* que persegue a identidade portuguesa. Da leitura das obras, sobressai, com particular intensidade, a dimensão humana e individual da resistência que se esconde por trás do aparelho ou da máquina partidária. Através da atribuição de um nome, uma identidade e uma personalidade aos homens e mulheres anónimos, figuras da resistência e da clandestinidade, prefigura-se uma espécie de registo paralelo às crónicas oficiais e à historiografia, uma vez que as personagens são tomadas como exemplos de sacrifício e de altruísmo

² Confrontar, por exemplo, com as reflexões apresentadas no artigo «Manual do Militante e Epopeia do PCP», disponível em <http://static.publico.clix.pt/tvzine/critica.asp?id=3102>.

em prol de um ideal. Assim, os vários volumes sublinham com particular intensidade a (sobre)vivência do PCP na clandestinidade durante os anos difíceis da ditadura fascista, traçando, em paralelo, a história do país e a do partido, desde as lutas dos anos 30, com a participação na Guerra Civil Espanhola³, à contemporaneidade, passando pelas reestruturações e desenvolvimentos ocorridos na década de 40.

Neste sentido, é possível ler os textos assinados por Manuel Tiago à luz das tendências do romance histórico contemporâneo, na esteira das inovações introduzidas pela narração de acontecimentos históricos a partir de perspectivas originais, muitas vezes opostas às oficiais e ao discurso historiográfico por excelência. Assim, a conotação com uma certa marginalidade ou oposição em relação ao poder, contrária à versão oficial, parece funcionar como uma tentativa de redenção de uma história esquecida que, graças à ficção, é iluminada.

A mais homogênea das colectâneas de contos de Manuel Tiago é *Fronteiras* (1998), obra caracterizada pela persistência do tratamento do tema da transposição das raias. Os contos descrevem múltiplas viagens realizadas em diferentes sentidos (ida e regresso; Portugal / Espanha; França / Espanha; Países de Leste) e com objectivos também distintos.

No caso dos textos aqui reunidos, é necessário perceber como o simbolismo da ideia de fronteira se repercute na mensagem dos mesmos, surgindo associado à ideia de isolamento, fechamento e, claro, de Ditadura. As fronteiras representadas são fechadas à passagem das personagens que, desta forma, são obrigadas a contorná-las, procurando formas alternativas de as transpor. A viagem, por seu turno, associada à sua superação de obstáculos, é sinal de resistência, de busca de liberdade e da abertura perdidas e que se procura, a todo o custo e com sacrifício da própria vida, resgatar.

³ Confrontar com a leitura de *A Casa de Eulália* (1997). Neste romance breve, são seguidos de perto os inícios e o desenvolvimento da Guerra Civil espanhola numa narrativa que se desenrola preferencialmente em Madrid e nos seus arredores e onde se dá conta da participação dos portugueses nas operações bélicas e na resistência aos avanços fascistas. Protagonizada por um grupo de portugueses com ligações ao Partido Comunista Português, a narrativa cruza a História da Espanha – e afinal a da Europa – com as pequenas estórias particulares das personagens. Do texto ressuma uma entrega total das personagens a um conjunto de ideais, políticos e sociais, pelos quais estão dispostos a todos os sacrifícios. E é possivelmente daqui que decorre uma certa sugestão eufórica – a da luta, da fraternidade entre companheiros e camaradas, da generosidade e da abnegação – num momento claramente disfórico da História espanhola e antecipador de algumas das maiores tragédias vividas no continente europeu na Modernidade. Conscientes do que se joga no confronto em Espanha, os portugueses, claramente partidários das ideias democráticas dos republicanos espanhóis, não hesitam em juntar-se às fileiras de civis que, mal armados mas certos da justiça da sua causa, resistem, às portas de Madrid, à invasão fascista. Homens e mulheres, unidos pela mesma causa, partilham as tarefas de resistência, desde a luta armada ao transporte e recuperação dos feridos, adiando as suas vidas e projectos pessoais. No romance de Álvaro Cunhal, assinado com o pseudónimo de Manuel Tiago, ecoam, afinal, vozes semelhantes às de outros democratas que se juntaram, efectiva ou simbolicamente, às fileiras republicanas e das quais sobressaem as de Malraux, Georges Orwell, Jean-Paul Sartre e Hemingway.

Em casos muito concretos, trata-se de viagens de fuga à perseguição fascista, a caminho do exílio. Outras são viagens claramente iniciáticas, de formação de militantes comunistas nos países de leste (ou do seu regresso a Portugal). Protagonizadas quer por personagens masculinas quer, em casos muito pontuais, por personagens femininas, veja-se como no conto «Mulheres pelo Soajo» elas são física e psicologicamente colocadas à prova e, apesar das enormes dificuldades, das quais saem vencedoras, são ainda capazes de sorrir e fazer humor. A dimensão humorística percorre vários textos e surge associada a situações imprevistas. Deste modo, o cariz anedótico que ressuma de um ou outro texto – veja-se o comentário da mulher que, depois de atravessar o Soajo a pé, lamenta o abandono do chapéu brasileiro, ou a troca da mala das peles e da roupa íntima pela dos materiais destinados à guerrilha – sublinha a humanidade que os caracteriza, narrativas de e sobre gente comum, muitas vezes imperfeita. A presença do acaso, do inesperado ou do acidental acentua essa dimensão pessoal, subjectiva e irrepetível que caracteriza os acontecimentos aqui descritos.

Parcialmente devedores da atmosfera da novela *Cinco Dias, Cinco Noites*, alguns textos retomam, de forma sintética, a temática do «salto» a pé da fronteira realizado em condições muito difíceis. É o que acontece em «O passo dos Pirenéus», onde a resistência e a perseverança dos dois companheiros (assim como o companheirismo que os une) são postos à prova.

De comboio, a pé ou de barco, são várias as formas escolhidas para passar as fronteiras. Em comum, os cruzadores têm, para além do apoio do Partido e dos seus contactos e ligações, outros homens e mulheres que colaboram na fuga. Essa solidariedade aproxima os viajantes, mesmo quando as viagens são realizadas em total silêncio: «Notável compreensão e disciplina. Nem falavam nem fumavam, que um clarão, mesmo do morrão de um cigarro, brilha na noite escura como uma estrela e as palavras, mesmo ditas em voz baixa, atravessam as distâncias no silêncio da atmosfera parada. Não lhes via o rosto, mas sabia e sentia que aqueles homens eram trabalhadores, seus companheiros, talvez alguns seus camaradas. E, sonhador, se alguma coisa pesava no sentir da nova experiência que estava vivendo, era não poder conhecê-los, falar-lhes, viver com eles momentos de trabalho e luta das suas vidas» (Tiago, 1998: 16). Nos contos, mesmo nos mais breves, cruzam-se muitas histórias e outros tantos mistérios. Há segredos que nunca são revelados como se uma espécie de código de silêncio permitisse a comunicação.

Os textos dão conta de momentos de fugazes encontros e separações. O contacto com outros países, os seus habitantes, outras línguas e culturas, permite constatar a existência de uma rede internacional organizada, capaz de colaborar no apoio aos movimentos dos comunistas pela Europa. Quando essa rede revela falhas é o momento de se porem à prova as competências individuais. Com maior ou menor esforço, cada um dos viajantes encontra forma de superar os obstáculos e prosseguir viagem e a luta em que está empenhado.

Assim, todas as narrativas compiladas em *Fronteiras* têm um final feliz. Funcionam, cada uma à sua maneira, como episódios exemplares do movimento de resistência comunista rumo à vitória sobre as ditaduras e a opressão. O seu agrupamento em livro sublinha a dimensão épica dos textos e a leitura destes homens e mulheres, anónimos na sua maioria, como heróis de uma resistência cuja história merece registo. Mais do que **lugares**, cada uma destas viagens simboliza um passo dado em relação à liberdade.

Publicado em 2001, o volume *Sala 3 e outros contos*, agrupa três textos cuja complementaridade e articulação é evidente, dada a forma como recortam diferentes facetas de uma mesma sociedade, profundamente marcada pela opressão, pela injustiça, pela pobreza, resultantes de uma ditadura longa. Face à decadência das instituições representadas nos contos, exalta-se a emergência de uma nova sociedade, assente em outros pilares e valores fundamentais como a igualdade, a liberdade e a fraternidade, revelando, apesar de todo o desencanto e desilusão que aqui perpassam, a esperança na capacidade humana de resistir e de mudar o mundo.

Em «Sala 3», está patente a experiência prisional e a especificidade dessa realidade particular, sobretudo no que aos “crimes” de delito de opinião diz respeito, com especial relevo nos inícios dos anos 40 do século XX (englobando ainda a II Guerra Mundial). Apesar da ambiência prisional, o conto incide sobretudo na análise das relações humanas e até de algumas estruturas hierárquicas naquele contexto específico, analisado enquanto microcosmos. No âmbito das vivências retratadas, ganha relevo, para além da preparação e execução de um plano de fuga, eixo principal da intriga, a resistência à obtenção de informações por parte da PIDE, as péssimas condições de vida dos presos, as várias formas de comunicação com o exterior e com o partido, colaborando na preparação da estratégia de fuga. Esta constitui uma espécie de clímax do conto, para o qual convergem as acções isoladas – e articuladas – de muitos homens e mulheres. O conto ilustra, assim, a dura conquista da liberdade através de um episódio de sucesso que contrasta com as histórias trágicas vividas nas prisões portuguesas durante a ditadura e silenciadas das mais diversas formas.

«Caminho invulgar» é um conto cuja acção, muito simples e linear, dá conta da perseguição política realizada pela PIDE e das suas consequências, tomando como exemplo um caso concreto. Aqui, a coacção ocorre no seio familiar, revelando uma realidade conflituosa particularmente insensível e desumana. A prisão de Miguel por ordem do próprio pai e as torturas de que é alvo nos calabouços da polícia política têm o efeito contrário e actuam no desenvolvimento da consciência política da personagem, conduzindo-a à militância comunista activa e à clandestinidade ao serviço do partido, na companhia de Sofia, o seu primeiro e inocente amor. A questão afectiva, é, aliás, especialmente relevante no texto, visto que se colocam ao protagonista dilemas perturbadores, uma vez acordados nele desejos desconhecidos. Caracterizado por uma certa ingenuidade, tanto ao nível dos procedimentos narrativos como da abordagem dos

temas, que condiz com a juventude das personagens, o texto configura uma espécie de **fábula** – até pelo próprio cariz exemplar que, de alguma forma, o caracteriza. De forma episódica, surgem aqui amalgamados pequenos casos do quotidiano vividos por militantes comunistas que, cruzados entre si, dão vida a uma personagem forçada a amadurecer rapidamente e a desenvolver mecanismos capazes de a fazerem sobreviver. A forma controlada e racional como Miguel lida com o desejo, mantendo-se fiel ao seu primeiro amor juvenil e, fruto das injustiças de que é alvo, se junta à família comunista, aponta linhas de conduta onde ficam claramente expressos os valores e os ideais do autor, na exaltação do espírito de sacrifício e da abnegação pessoal em prol de causas maiores.

O terceiro e último conto da antologia «A morte do Vargas», construído com a aparência de um conto policial, e respeitando alguns dos ingredientes habituais do género, rapidamente se afasta deste paradigma ao assumir-se como uma espécie de crónica de costumes de uma comunidade representativa da sociedade portuguesa, explicitando os jogos de poder que a caracterizavam durante a vigência do regime ditatorial. De influência neo-realista, o conto enfatiza o universo das classes desprivilegiadas e a forma como são alvo de perseguições e preconceitos. Com realismo e recurso ao pormenor, o narrador procura recriar um pequeno microcosmos cujas repercussões nacionais, políticas e ideológicas, são evidentes, parecendo propor outro olhar sobre a realidade portuguesa no que às figuras populares diz respeito, alvo de marginalizações várias.

Em *Os Corrécios e outros contos* (2002), o autor agrupa um conjunto muito diversificado de textos, tanto ao nível da extensão, como da temática e até do contexto temporal. O conto que empresta o título à colectânea é o mais extenso e também aquele que revela uma faceta particular da vivência em ditadura durante o Estado Novo. Corrécios era o nome dado aos soldados que, por motivos vários, principalmente de ordem disciplinar, tiveram que repetir a recruta militar e foram integrados numa companhia especialmente criada para este efeito. A vida militar, num grupo muito peculiar constituído por indivíduos das mais diversas origens e com experiências particularmente relevantes, sobretudo no que diz respeito à marginalidade social, é recriada com humanidade e também algum humor. Baseado na sua experiência pessoal – Álvaro Cunhal foi soldado corrécio⁴ – o narrador constrói uma narrativa onde, num curioso jogo polifónico, dá voz a múltiplas e originais experiências de vida, trazendo à luz estórias e realidades escondidas e marginalmente conotadas. A realidade diversificada e multiforme que caracteriza o ambiente na companhia de corrécios vai ser o ponto de partida para insólitas – às vezes profundamente humanas – narrativas onde se misturam o humor e a dor, o ridículo e a exaltação, num cruzamento de diferentes idiossincrasias.

⁴ Confrontar com Pereira, 1999: 392-394.

Organizado em pequenas partes, o conto apresenta, de uma forma episódica, vários casos que surgem justapostos. Percebe-se, contudo, à medida que a narrativa avança, o crescimento das relações de amizade e de solidariedade entre os elementos deste grupo heterogéneo. A interacção cada vez mais relevante entre as personagens, a forma como colaboram e se entrem ajudam revela, da parte do autor, uma visão optimista, quase eufórica da condição humana, capaz de superar todas as barreiras. Além disso, e de forma implícita, o narrador põe a nu as fragilidades da organização militar, da sua estrutura hierárquica, exibindo, a partir do ponto de vista interno, algumas das suas feridas e peculiaridades. O conto insere-se, deste modo, numa tradição de relatos da vida militar que, em vários momentos, surgem no panorama literário português, dando conta, com um olhar crítico e muito próximo, sempre baseado na experiência pessoal dos escritores, desta realidade.

O segundo conto da colectânea, «De mãos dadas», narra o encontro de dois jovens comunistas durante o período pós-revolucionário. Com altos e baixos, a relação afectiva que desenvolvem, fundada em várias afinidades e em outras tantas divergências, torná-los-á símbolos de resistência da juventude portuguesa no contexto social e político posterior a Abril de 1974. Irmanados pelos mesmos ideais, e apesar da separação física, Luís e Célia conseguem descobrir forma de permanecerem juntos. A narrativa, estruturada de forma episódica, flui ao ritmo dos vários diálogos entre as personagens. O universo juvenil, marcado pela inocência, por uma certa sugestão idílica, pela esperança ilimitada e pela exaltação dos desejos e dos afectos, é recriado num estilo contido, mas assumidamente eufórico, em resultado da circularidade da narrativa, do regresso dos jovens ao ponto de partida, após a superação dos obstáculos à sua ligação.

Cronologicamente situado no período democrático que se seguiu à Revolução, «Histórias paralelas» recria o dia-a-dia dos militantes comunistas, envolvidos na acção partidária local e regional sedeada nos Centros de Trabalho, com particular destaque para as actividades desenvolvidas e para a oposição, nomeadamente interna, que aí se faz sentir. **Espécie** de «tocar a reunir», o conto funciona como um manifesto político prático de actuação, preconizando a ligação às bases, a defesa dos trabalhadores e o retorno aos ideais originais do Partido. Dando conta das várias formas de oposição interna e externa que se fazem sentir, emerge da leitura a ideia de que “a luta continua” mesmo depois de Abril e que a resistência comunista continua a ser necessária.

«Délinha», o mais breve texto da colectânea, narra, em primeira pessoa, uma experiência pessoal onde o desespero, o remorso e a angústia parecem tomar conta, paulatinamente, do narrador. Responsável, num pequeno passeio, por uma criança cujo nome empresta o título ao conto, o narrador acaba por perdê-la de vista e enceta, cada vez mais atormentado, uma busca solitária da menina desaparecida. Quando já não lhe restava quase esperança, é informado de que a criança foi encontrada e sucumbe, finalmente, ao cansaço e aos sentimentos fortes que marcaram esse dia. A brevidade

do texto aumenta consideravelmente a sua dimensão emocional, mantendo o leitor na expectativa do seu desenrolar. A fragilidade do narrador, exposta sem reservas, promove uma leitura empática da cena recriada, não possibilitando julgamentos sumários e condenações imediatas. A proximidade da tragédia, motivada por um breve instante de distração, permite compreender os complexos contornos da alma humana, a avalanche de emoções e o desespero irremediável da perda. O contraste, no epílogo, com a descontração de Délinha, sublinha a diferença gritante entre a visão adulta e a visão infantil do mundo e dos acontecimentos, pólos opostos de observação da realidade.

«Vidas», o conto que encerra o livro, apresenta uma estrutura próxima da da parábola, narrando, de forma muito esquemática, a história de várias gerações de uma família, dando conta da sucessão de personalidades, das relações pessoais, de preconceitos sociais e da forma como a educação, aliada a factores hereditários, condiciona o crescimento e a formação dos indivíduos. Apresentando a história da família em sucessivas gerações, o narrador recria, como pano de fundo, a história portuguesa que lhe serve de cenário, pondo em evidência algumas das suas características mais tradicionais e mais retrógradas, para além de dar conta das dificuldades económicas generalizadas no seio da classe popular.

Agrupando um conjunto de textos muito distintos, tanto ao nível dos temas tratados como da forma e da dimensão dos mesmos, a heterogeneidade que ressuma da leitura da colectânea permite constatar a atenção do autor a diferentes facetas da sociedade portuguesa. É, além disso, evidente, um notório sentimento de esperança na capacidade de renovação do homem (e das novas gerações), assim como da solidariedade que o une àqueles que lhe são próximos, quando confrontado com as dificuldades e as injustiças.

Lutas e Vidas – um conto (2003) foi a última obra literária publicada por Álvaro Cunhal. No prefácio, assinado com este nome, o autor explica tratar-se de «episódios soltos da **luta** clandestina do Partido» (Tiago, 2003: 7), cuja redacção resultou do seu «gosto de ficcionar escrevendo» (ibid.). Cronologicamente situado na década de 40 do século XX, após a reestruturação partidária de 1942 e o III Congresso de 1943, a acção do conto desenvolve-se na região centro do país, dando conta da organização dos movimentos de trabalhadores na indústria vidreira e cimenteira, sediada na região da Marinha Grande. O narrador destaca a acção dos militantes comunistas, com particular relevância para os movimentos reivindicativos operários e para as suas consequências posteriores. O sector vidreiro sempre revelou, como o texto documenta recorrendo a elementos factuais, especial consciência partidária e sindical, destacando-se em numerosas lutas. O conto, quase uma novela tanto em termos da dimensão como da complexidade de acções que nele se cruzam, articula uma dimensão humana e pessoal, centrada nas vivências do casal formado por Leonel e Constança, com outra assumidamente social e política, dando conta, com pormenor, dos processos de organização do PC na clandestina

tinidade, sublinhando as suas acções e a forma empenhada, dedicada e abnegada como actuavam os militantes, as condições de vida existentes ao nível das classes operárias, social e economicamente mais desfavorecidas, propondo, através da ficção e da liberdade que ela permite, uma espécie de narrativa histórica paralela à oficial, trazendo para a luz do dia e para o presente o universo da clandestinidade vivido durante as longas décadas de oposição e resistência comunista.

O partido, as suas hierarquias locais e regionais, as formas e os circuitos de comunicação e de divulgação da informação, as reuniões, as tarefas, os contactos e as ligações aos militantes, assim como a rede de apoio clandestina, surgem como elementos fulcrais da luta antifascista em Portugal e parece ser «obrigação» do autor a recuperação desta história submersa e escondida, afastando-a do desconhecimento e do esquecimento. Há, é certo, como afirma Urbano Tavares Rodrigues, muitos elementos em comum com o primeiro romance de Manuel Tiago. Não deixa de ser curioso como, de alguma forma, na produção literária deste autor, os textos se tocam, numa espécie de variações de uma mesma glosa que é, no fundo, a epopeia da resistência comunista em Portugal durante a Ditadura. Enquanto força colectiva, quase sempre anónima, a resistência é tratada como o herói central dos textos de Manuel Tiago. A individualidade, a imperfeição ou fragilidade de cada um dos homens e mulheres que integram essa mole humana que resiste contra todas as dificuldades e perseguições à opressão são singularidades que não desviam a atenção dos elementos fundamentais e do espírito de missão que une estes militantes.

Deste conto, destaque-se ainda o tratamento que é dado ao universo feminino, nem sempre muito reconhecido em outras narrativas do autor, com a excepção de *A Casa de Eulália*. A participação das mulheres é muitas vezes remetida para segundo plano, funcionando como figuras de apoio à iniciativa e à acção masculinas. Mesmo quando se trata de operárias com um certo dinamismo, os resultados por elas obtidos parecem não merecer o mesmo destaque nem ter o mesmo impacto. E, contudo, enquanto personagens, elas revelam uma dimensão interior mais rica e mais ambivalente do que a dos seus companheiros e camaradas, sofrendo, de forma intensa e silenciosa, além dos dramas pessoais, a separação das famílias após o mergulho na clandestinidade, a solidão pela ausência dos companheiros, a falta de filhos, perdas marcantes, as débeis condições económicas e os seus dilemas interiores.

O registo utilizado, próximo do da crónica, de segura quase jornalística, parece tentar limitar-se à narração de factos mais ou menos concretos e objectivos, mantendo uma frieza que obriga o leitor a procurar construir os elementos ausentes, explorando a dimensão implícita de algumas sugestões e/ou alusões. É o que acontece em relação ao universo interior das personagens, mesmo os protagonistas, quantas vezes esquecidos de si próprios, dos seus desejos e dos seus receios, impulsionados por uma força maior que os insufla de vida, os anima e os faz agir.

Distinta da sua congénere para adultos, a produção literária de destinatário preferencial infantil merece-nos, igualmente, alguma reflexão. Não só porque os dois breves contos de Álvaro Cunhal (e note-se que ambos surgem assinados com o seu verdadeiro nome) se situam em momentos-chave da vida do autor, o primeiro na década de 30 e o último em 2000, mas porque dão a conhecer facetas originais da sua obra, articulando diferentes vertentes e objectivos.

O primeiro conto, intitulado «O burro tinha razão» (Anexo 2), foi publicado na revista *O Gaiato*, dirigida por Rosa Ogando, cuja publicação semanal se iniciou em 1935 e que contou com 9 números. Nela colaboraram autores como Afonso Lopes Vieira, Maria Lamas e Aquilino Ribeiro, entre outros. Assinado por Álvaro Cunhal, o conto em análise foi editado no número 6 da revista, acompanhado de duas ilustrações da sua autoria. A colaboração de Álvaro Cunhal na revista estendeu-se, no entanto, no que à ilustração diz respeito, a outros números. Ilustrações facilmente reconhecíveis, quer pelo estilo adoptado quer pela assinatura com a vogal «a», surgem logo no número 2 a ilustrar um conto facecioso rimado «Desmentido» (Anexo 3) e «As abelhas» (Anexo 5). No nº 5, são também ilustrações que podem ser atribuídas a Álvaro Cunhal que acompanham «Confusão fácil» (facécia em verso) e «A curiosidade de Helena» (Anexo 6). No nº 6, «Histórias contadas por um menino inglês» (Anexo 7) e no nº 7 «A respiração das flores» (Anexo 4) são mais dois textos ilustrados por este autor. Em comum, as imagens apresentam o recurso a um sinal contorno que procura recriar, de forma realista, com laivos de caricatura, as personagens principais dos textos que acompanham. Este aspecto é mais evidente nas facécias rimadas, onde o universo picaresco sobressai, em resultado da recriação de acontecimentos ocorridos em ambiente popular. Veja-se como as personagens surgem acompanhadas de elementos distintivos, como o chapéu e o barrete, assim como a expressividade dos gestos. Na ilustração de «Confusão fácil» também estão presentes os elementos distintivos das duas classes profissionais. Para além das personagens, o ilustrador representa alguns motivos secundários, associados ao cenário, que servem de contextualização aos elementos centrais da ilustração. Em outras imagens, o traço do autor modifica-se consideravelmente, verificando-se uma preferência pelas formas arredondadas e por um grafismo assumidamente ingénuo, quase infantil no tratamento das cenas. Em «A respiração das flores», por exemplo, bastam poucos traços para fixar os elementos mais relevantes, incluindo a personagem e o quarto. Veja-se, neste caso, a diferenciação verificada entre o objecto em primeiro plano e em segundo, simulando, de forma muito simples, uma sugestão de profundidade. A opção por uma representação que não respeita a visão perspéctica aproxima as imagens de um grafismo e de uma representação infantis.

O conto «O burro tinha razão» distingue-se pela forma como uma mensagem de teor formativo é veiculada através de uma forma humorística, com recurso ao cómico, sublinhando o ludismo do texto e amenizando as suas intenções pedagógicas. A selecção de um protagonista infantil às voltas com os trabalhos de casa e que interage com

os seus brinquedos permite o reconhecimento e a identificação por parte dos leitores. A opção por uma estrutura dialogal facilita a leitura de um texto onde a dimensão onírica, associada ao estranho sonho do menino, cruza a empírica, propondo divertidas soluções para o problema matemático que a criança tem de resolver. A ilustração inicial representa o menino protagonista numa postura algo rígida e num traço caracterizado por uma relativa *naïveté*, enquanto a segunda, jogando com a alternância entre o preto e o branco a preencher as formas maiores, fixa todos os intervenientes no diálogo. Sublinhe-se, como curiosidade, a presença do rato **Mickey** – quer no texto, quer nas ilustrações – cuja representação é muito fiel à do próprio Walt Disney na década de 30 do século XX, dando conta da influência visível da animação norte-americana e das inovações que chegavam à Europa por esta altura, não deixando ninguém imune.

Ao publicar o conto «Os Barrigas e os Magriços», Álvaro Cunhal propõe-se narrar, numa linguagem adequada aos destinatários preferenciais, a história dos antecedentes que explicam a Revolução de Abril de 1974. Socorrendo-se de uma parábola e explicitando, de forma muito clara e visual, a oposição entre os exploradores e os explorados, o autor justifica a necessidade da mudança com o cansaço de anos e anos de exploração e sofrimento das classes operárias e mais desfavorecidas. Interpela directamente o narratário «obrigando-o» a tomar partido ao lado dos «magriços» que, cansados da opressão e da fome, resolveram tomar o poder nas mãos e criar uma sociedade mais justa e mais solidária. É curioso como o narrador explora a polissemia do conceito de magriço, tradicionalmente associado à imagem do português leal e justo, combatente ao lado dos perseguidos e injustiçados. Relembre-se o episódio das novelas de Cavalaria (que Camões também aproveita na sua epopeia para definir e exemplificar o verdadeiro cavaleiro português) onde o jovem Magriço, depois de atravessar, por terra, parte significativa dos territórios europeus, combate em defesa da honra de uma donzela inglesa ofendida por um seu conterrâneo. Contudo, o conceito é também aqui interpretado de forma literal, associado à excessiva magreza resultante das difíceis condições de vida existentes. Esta ideia sai ainda mais reforçada perante a oposição com os «barrigas» opressores e exploradores, bem nutridos à custa do trabalho e do sofrimento alheios. A oposição – algo simplista pelo maniqueísmo que a caracteriza – entre estes dois grupos de personagens não deixa margem para dúvidas sobre o significado do confronto e sobre a posição do autor/narrador. Do ponto de vista linguístico, veja-se como o narrador, pela utilização de repetições e de estruturas paralelísticas na descrição dos dois grupos em confronto, clarifica a oposição estrutural que está aqui em causa. Com um discurso acessível, construído com base no diálogo, nos seus comentários esporádicos, no uso de comparações, imagens e na própria metáfora que estrutura todo o conto, o narrador refere-se, de forma implícita mas acessível e facilmente compreendida, às ideias de exploração, de censura, de perseguição, mas também de revolução, de igualdade, de justiça, de liberdade e até de reforma agrária.

Os textos de Álvaro Cunhal fazem uma espécie de crónica paralela à oficial, acompanhando, desde as suas origens, os desenvolvimentos do Partido comunista Português. A ficcionalização de que os acontecimentos e as personagens são alvo permitem registar e divulgar a História oficiosa do movimento partidário e dos seus militantes, com especial atenção às bases partidárias, que, durante décadas, o sustentaram. A dimensão histórica – ou pelo menos verosímil – tem, por isso, uma intenção didáctica ao pretender divulgar, dando a conhecer ao público em geral, uma realidade desconhecida porque vivida na clandestinidade.

Despretensiosa mas assumidamente documental, possivelmente herdeira de um neo-realismo que também contaminou textos de autores como Miguel Torga, em *Vindima*, ou José Saramago, em *A Terra do Pecado*, a obra de Manuel Tiago recria, como nenhuma outra, pela proximidade estabelecida, um universo ideologicamente conotado com a oposição ao regime salazarista, dando conta das movimentações populares que, durante décadas, e apesar de abafadas pela censura e pela PIDE, mantiveram acesa a esperança da liberdade.

As motivações ideológicas do autor interferem na selecção das personagens e das acções, recortando, com particular nitidez, uma fatia generosa do movimento clandestino da resistência comunista. Mais do que propaganda – até porque o partido é alvo de críticas e os militantes não são perfeitos – procura-se a reconstituição ficcional de acontecimentos históricos, funcionando a literatura como forma de cristalização – e divulgação – dessa realidade revisitada. Impossibilitado, por várias razões tanto de índole pessoal como política, de fazer a História do Partido Comunista Português – com a qual a sua biografia se confunde –, o autor serve-se do seu conhecimento pessoal e directo dessa história para, depois de lida no seu todo, a recriar, reciclando figuras históricas e acontecimentos empíricos e propondo a sua releitura no contexto de uma ficção que não se amputa da realidade, mas a reconstrói segundo as motivações do autor. O seu olhar, simultaneamente próximo e distanciado (pela segura do discurso), caracteriza-se por uma enorme contenção que pode estar associada a um certo pudor do autor/narrador em cantar, de forma entusiástica, os feitos dos seus camaradas. Parece, pois, sentir-se uma ligeira hesitação entre a vontade de «levantar do chão» os homens cujas acções relevantes foram ignoradas e esquecidas, permanecendo anónimas, e a necessária reserva da vida privada. O esquematismo, que caracteriza alguns dos seus textos mais breves, permite, em duas ou três pinceladas, tornar reconhecíveis e credíveis os ambientes portugueses do Estado Novo, em particular no que à realidade popular diz respeito. Constata-se, em síntese, como os textos comprovam uma capacidade de observação do autor, observável na recriação dos mais variados cenários e ambientes. Mais do que literatura panfletária, a obra de Manuel Tiago exprime o seu espírito de comprometimento em relação ao Partido Comunista Português como veículo privilegiado para a construção de uma sociedade nova, objectivo do qual nunca se afastou. O nível de intervenção dos seus textos, os últimos

publicados já num momento muito avançado da sua vida, revelam uma esperança e uma confiança inabalável nos ideais pelos quais se bateu durante décadas e surpreendem o leitor pela vivacidade e até juventude – veja-se o nível de idealismo e até de inocência presente em alguns deles – que os caracteriza.

Bibliografia

- CARVALHO, Ana Margarida (2006). «O Imprescindível». In RODRIGUES, Urbano Tavares (org.). *É tempo de começar a falar de Álvaro Cunhal*. Porto: ASA, 19-34.
- PEREIRA, José Pacheco (1999). *Cunhal. Uma biografia política «Daniel», o Jovem Revolucionário (1913-1941)*. Volume I. Lisboa: Temas & Debates.
- RODRIGUES, Urbano Tavares (2006). «Álvaro Cunhal – Ontem, agora e sempre». In RODRIGUES, Urbano Tavares (org.). *É tempo de começar a falar de Álvaro Cunhal*. Porto: ASA, 7-13
- (2005). *A obra literária de Álvaro Cunhal / Manuel Tiago vista por Urbano Tavares Rodrigues*. Lisboa: Caminho
- TIAGO, Manuel (1974). *Até amanhã camaradas!*. Lisboa: Edições Avante.
- (1975). *Cinco dias, cinco noites*. Lisboa: Edições Avante.
- (1994). *A estrela de seis pontas*. Lisboa: Edições Avante.
- (1997). *A casa de Eulália*. Lisboa: Edições Avante.
- (1998). *Fronteiras*. Lisboa: Edições Avante.
- (2000). *Um risco na areia*. Lisboa: Edições Avante.
- (2001). *Sala 3 e outros contos*. Lisboa: Edições Avante.
- (2002). *Os corrécios e outros contos*. Lisboa: Edições Avante.
- (2003). *Lutas e vidas. Um conto*. Lisboa: Edições Avante.
- CUNHAL, Álvaro (1935). «O Burro tinha razão». *O Gaiato* 6, 6-7
- (7 de Junho de 2000). «Os Barrigas e os Magriços». *Visão*.
- TORRES, Eduardo Cintra (2005). «Manual do Militante e Epopeia do PCP». *Público*. [disponível em <http://static.publico.clix.pt/tvzine/critica.asp?id=3102>].

Resumo: A partir da leitura dos contos literários de Manuel Tiago, pseudónimo de Álvaro Cunhal, líder histórico do Partido Comunista Português, procura-se perceber os elementos coesivos da obra do escritor, com especial destaque para a questão da intervenção político-social do homem.

Abstract: By providing a critical reading of the literary short stories by Manuel Tiago, the pseudonym for Álvaro Cunhal, the historical leader of the Portuguese Communist Party, we seek to outline the cohesive elements found in the writer's work, by particularly highlighting the topic of man's political and social intervention.

Anexos

Anexo 1 – Texto «Os Barrigas e os Magriços»

«Esta história que vos vou contar passou-se há muitos anos, ainda nenhum de vocês tinha nascido. Foi num país em que havia uns homens conhecidos como os Barrigas e outros conhecidos como os Magriços.

Os Barrigas não tinham este nome por serem todos barrigudos, mas por comerem tanto, tanto, tanto que nem se percebia onde cabia tanta coisa.

Houve até quem dissesse que para lá caber tanta comida o corpo dos Barrigas lá por dentro devia ser tudo estômago. Os Magriços também não se chamavam assim porque tivessem todos nascido magrinhos. Mas porque, em certas épocas do ano, os Barrigas não lhes davam trabalho, nada lhes pagavam, e passavam tanta fome. E então, sim, ficavam tão magrinhos, só pele e osso, magrinhos como carapaus secos.

Os Barrigas tinham muitos campos, muitas terras, tão grandes, tão grandes, que de uma ponta nem com binóculo se via a outra ponta.

Os Barrigas tinham também moinhos para moer farinha, lagares para moer a azeitona e fabricar azeite.

Nesses campos, nesses moinhos, nesses lagares, trabalhavam os Magriços. Mas recebiam tão pouco, tão pouco, que não lhes dava para comerem eles, suas mulheres e seus filhos.

E, ainda por cima, eram mesmo maltratados, como se fossem bichos.

Uma vez, um Magriço pediu ao Barriga seu patrão que lhe pagasse mais pelo seu trabalho. E sabeis vocês o que lhe respondeu o Barriga? O Barriga riu-se e respondeu: «Se não tens pão, come palha.» Isto não se diz a ninguém. São palavras feias de um homem mau, não vos parece?

Outra vez, um outro Magriço que trabalhava num lagar procurou o Barriga e disse-lhe «Senhor Barriga, eu fabrico cântaros e cântaros de azeite, mas o senhor fica com todo e eu não tenho nenhum azeite para temperar as batatas». E o Barriga deu uma resposta tão feia, tão feia, que não sei se aqui a diga. Mas sempre a digo. O Barriga respondeu: «Se não tens azeite para temperar as batatas faz-lhe xixi por cima.»

Disse isto com palavras ainda piores, mas foi isto que disse.

São também palavras feias de um homem mau, não vos parece?

Isto eram, porém, palavras feias de homens maus, mas as coisas eram ainda piores.

Porque os Barrigas tinham ao seu serviço soldados armados e quando os Magriços protestavam – um, por exemplo, disse ao Barriga: «O senhor é um homem mau» – eles diziam aos soldados para prender os Magriços, meterem-nos presos nuns buracos a que chamavam prisões. Isto é ainda pior. Uma vez, um Magriço não se cansava de protestar. «Vai-te embora daqui». E ele disse: «Não vou sem o senhor nos dar razão». O Barriga deu ordem aos soldados para lhe darem um tiro. Eles deram um tiro e ele morreu logo ali.

Falando uns com os outros, os Magriços diziam que as coisas não podiam continuar assim. Mas havia os soldados. E se eles se revoltavam, os Barrigas diziam aos soldados para os correrem todos a tiro.

Que fazer? Se algum de vocês fosse um Magriço, o que fazia? Foi um Magriço que se lembrou. Tinha um amigo que era soldado e disse-lhe assim: «Olha lá, amigo, achas bem isto? O que os Barrigas te mandam fazer?» O soldado era bom rapaz e disse: «Eu estou de acordo contigo. Mas que posso eu fazer?»

Lembrou-se então de falar com os outros soldados e todos pensaram que era preciso ajudar os Magriços a libertar-se de tal situação.

Foi então que os Magriços se juntaram todos, procuraram o mais barrigudo dos Barrigas e lhes disseram:

«Isto não pode continuar assim. O senhor tem tanta terra, que muita está abandonada. Nós vamos trabalhar para lá, cultivá-la e o que produzirmos é para nós.»

O Barriga nem queria acreditar. Começou logo a gritar: «Estais malucos ou quê? Se se atrevem a isso, varro-vos a todos a tiro!»

Mas os Magriços não tiveram medo, foram para essas terras abandonadas, começaram a limpá-la de mato para depois cavarem e semearem.

Os Barrigas protestaram, chamaram nomes aos Magriços, ameaçaram de os mandar matar. Mas o pessoal não se assustou.

O mesmo sucedeu por toda a parte e os Magriços, com o seu trabalho, desenvolveram rapidamente a agricultura.

Asseguraram trabalho a todos que dantes passavam metade do ano sem trabalho e sem pão e ganharam para que ficasse a juventude que fugia.

Semearam terras que estavam abandonadas. Produziram e venderam trigo, tomate, compraram vacas e ovelhas e assim produziram leite e queijo. Arranjaram máquinas agrícolas.

O que fizeram os Barrigas? Chamaram os soldados e deram ordem: «Vão lá e corram esses gajos a tiro!»

Os soldados foram, lá isso é verdade. Mas não deram tiro nenhum e até deram parabéns aos Magriços pelo trabalho que estavam a fazer.

E o mesmo se passou nos moinhos e nos lagares de azeite. Os Magriços tomaram conta de uns e de outros e quando apareceram os Barrigas a protestar, eles disseram: «Não lhe queremos mal, senhor Barriga. O senhor leva a farinha e o azeite de que precisa para a sua família. E nós levamos o resto para as nossas.»

E o mesmo se passou em fábricas dos Barrigas e em toda a parte.

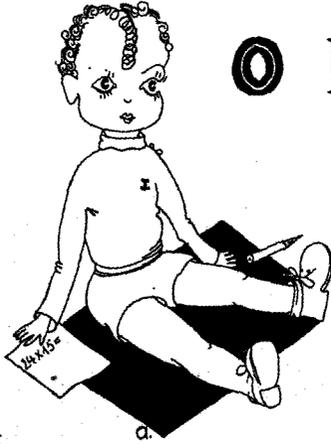
Passou-se tudo isto na Primavera. Calhou começar no dia 25 do mês de Abril. Por isso, quando se fala no 25 de Abril é dessa revolta dos Magriços e do que foram capazes de realizar que se fala.

E, para acabar a história, quero fazer-vos uma pergunta.

A mim, já me têm perguntado: «Ouve lá, se tivesses vivido nessa época, com quem estarias tu? Com os Barrigas ou com os Magriços?» E eu respondo: com os Magriços, claro!

E penso que conhecendo vocês esta história, dariam a mesma resposta.»

Anexo 2



O BURRO TINHA RAZÃO

O Joãozinho chegou a casa e foi logo beber água. A mamã ralhou-lhe porque ele viera a correr da escola e estava a transpirar. E o Joãozinho, para esquecer o ralhêda da mamã, foi brincar para o seu quarto. Primeiro arrumou a pasta no armário; depois olhou em roda para escolher um brinquedo, de entre tantos que tinha. Mas ficou indeciso entre o elefante de pano, o boneco maluco de andar à roda, o borracho de garrafa na mão e o burro sábio. Verdade, verdade, nada lhe apetecia...

Deu alguns passos no quarto sem saber que fazer. Chegou à janela, afastou a cortina e olhou para a rua. Mas não passou nenhum automóvel e isso aborreceu-o mais. Voltou para dentro.

— Que hei-de fazer? — pensava.

A bola de borracha estava num canto escondida atrás duma cadeira. Deu-lhe um pontapé e ela foi a rebolar até ao outro lado do quarto, derrubando no seu caminho o boneco maluco de andar à roda.

Joãozinho foi levantar o maluco e olhou-lhe o rosto com atenção. Depois falou-lhe:

— Ouve, maluco! Não serás capaz de me dizer a que hei-de brincar? Não dizes nada... Não admira e é melhor assim. Se abriesses a boca saía disparate. A minha vontade era abanar-te a cabeça a vêr se te compunha os miolos... Não, eu não podia querer tal coisa, porque tu certamente não tens pensamentos. Deves ter a cabeça óca. Eu podia quebrar-ta para ter a certeza do que digo. Mas a mamã ralhava-me e eu ficava ainda mais aborrecido. Mais aborrecido? Seria possível? Eu tenho tanto sono, querido mauquinho!

E o menino sonolento abriu a boca, que de pequenina que era se fez muito grande e muito funda.

— Que hei-de eu fazer? O melhor é ir perguntar à mamã...

Correu ao quarto de costura e pediu à sua mãizinha que lhe ensinasse a maneira de passar o tempo. E ela disse-lhe que era muito feio não saber que fazer, que o menino era um preguiçoso e que devia ir já, já, fazer as contas para, no dia seguinte, mostrar à senhora professora.

Joãozinho estava cheio de sono mas, voltando ao seu quarto, tirou a pasta do armário e abriu o caderno de aritmética. Viu a conta para o dia seguinte: $24 \times 15 = \dots$

— Porque passará a senhora professora contas tão difíceis? pensou, olhando em roda a ver se os seus brinquedos estavam de acôrdo.

— Ai queridos homitos!, que vocês são muito felizes se não terem que fazer contas. Quem me dera ser elefante, ou borracho, ou rato, ou bombeiro, ou soldado de chumbo... Maluco não queria ser porque os malucos, como disse o paisinho, vão para o hospital...

Joãozinho abriu a boca outra vez: aaahhh!

— Que conta tão difícil. Que hei-de fazer à minha vida?

Para pensar melhor encostou-se à cama e fechou os olhos. Ficou assim um bocadinho, um bocadinho tão grande que nunca o pôde calcular... até que...

Ouviu mesmo ao seu lado uma voz muito baixinha e rouca que dizia:

— És parvo, Joãozinho, parvo e estúpido. Pois tu não sabes multiplicar 24 por 15? És um cábula! Deixa estar que hei-de dizer à tua professora.

Era o elefante que falava. Joãozinho assustou-se. Não porque o elefante falasse, pois tinha a convicção de se ter deixado adormecer, mas porque tinha receio que ele fosse contar à professora a sua cabulice. Mas fez-se valente:

— Ouve lá, elefante! Se não me ensinava a multiplicar 24 por 15, deito-te fora ou não torno a brincar contigo...

— Não me metes medo — respondeu o elefante. — Mas, porque sou teu amigo, vou-te ensinar como ensino aos meus meninos. Vá. Primeiro, estendes a tromba, agarras com ela no papel e levá-lo até aos dentes compridos. Depois, pegas com a tromba no lápis...

Joãozinho interrompeu indignado e quasi a choramingar:

— Mas eu não tenho tromba nem dentes compridos. Eu não sou teu filho...

— É verdade, concordou o elefante. Então, não sei ensinar-te. Tem paciência.

O menino voltou as costas ao elefante malcriado e viu na sua frente o borracho de nariz vermelho e garrafa na mão, que disse poder ensiná-lo.

— Eu não sei se estás a falar a sério ou a brincar. Os borrachos não sabem o que fazem... Mas diz depressa, pois são quasi horas de jantar e depois de jantar vou para a cama.

O borracho sorriu, tossiu, cuspiu, cambaleou sobre as pernas tortas e começou:

— Pegas em 24 garrafas iguais a esta que eu tenho na mão. Enche-las de vinho 15 vezes e bebes tudo, tudo, sem ficar pinguiña no fundo. Percebeste?

— Mas assim eu ficava borracho...

O borracho tornou a rir, a tossir e a cuspir, cambaleou sobre as pernas tortas e disse:

— Não sabes nada meu peiz! Todos andamos borrachos; todos, todos, sem escapar um...

Joãozinho protestou indignado:

— Mentis! Eu nunca provei vinho! És um mentiroso, um grande mentiroso! E, com um safanão, derrubou-o. E ficou olhando o boneco a pensar que era um infeliz porque ninguém lhe ensinava a fazer a conta.

Mas a bola veio a rolar até às suas pernas e saltou-lhe com ar bondoso:

— Não te aflijas, que eu te ensino. De és de borracha e óco por dentro. Escusas de protestar. Há pouco abriste a boca e eu espregitei por és! Não tens nada dentro de ti. Além disso, se não fosses óco, como poderias meter comida lá para dentro? Como és, por isso, lá para dentro os números 15 e 24. Depois de fazer a conta, muito, muito, e tens a conta feita.

— Mas isso é um disparate, berrou o menino já muito exaltado. Assim ficava tudo baralhado!

— Pois ficava, — concordou a bola de borracha. Mas isso não tem importância. Olha, faz assim.

E a bola correu pelo chão e voltou para o seu canto.

— Que doidos! — pensou Joãozinho. E a conta que é tão difícil... Tu, ratinho, não és capaz de me ensinar?

O rato Mikey, encolheu os ombros, olhou-o de lado, piscou-lhe o olho esquerdo e chiou três vezes.

— Não sei o que queres dizer com isso. O papá disse-me que piscar o olho é feio... E tu, soldado de chumbo, não sabes fazer contas?

O soldado enrugou o seu bonito rosto, tornou-se e mau e apontou-lhe a espingarda.

— Volta para lá, que se pode disparar, gritou o menino muito aflito.

— Só sei fazer isto! — disse o soldado com um vozirão. E, com ar amuado, pôs novamente a espingarda ao ombro.

— Que tristeza, pensou o menino, os meus bonecos endoideceram todos. Não dizem nada acertado e eu não percebo a razão disto. Só se eu estou a dormir... Mas não me parece, porque eu vejo os bonecos mexerem-se e, se os vejo, é porque tenho os olhos abertos. Não é verdade que a gente não dorme com os olhos abertos? eu estou acordado e os meus bonecos estão todos como o maluco. Ouvi dizer ao papá que há doenças que se pegam. Naturalmente a doidice é uma delas...

E Joãozinho, com ar muito sério, voltou-se para o boneco maluco e falou-lhe:

— És um mau! Pegaste aos meus outros bonitos a tua maluqueira! Se és doente, porque não tomas remédios? Escusas de responder. Eu dou-te razão. Eu, também não gosto de tomar remédios e, se não fôsse o papá e a mamã, o senhor doutor não me obrigava a comer coisas amargas, nem a pôr panos quentes na barriga. E tu não tens papá nem mamã, meu pobre maluquinho...

Joãozinho parou sem saber que dizer mais. E, distraidamente, foi dando corda ao maluco. Mal acabou, o boneco começou a redopiar e a chisar...

— É sempre assim, pensou o menino. O que eu não sei bem é se ele é maluco por andar com a cabeça à roda, ou anda com a cabeça à roda por ser maluco... Assim fica com a cabeça baralhada. Também eu, quando ando muito de roda, fico tonto e não sei dizer qual é a minha mão esquerda e qual é a direita. É uma baralhada! E era assim que a bola queria que eu fizesse a conta... A conta... Já me esquecia! Que hei-de fazer à minha vida? choramingou o menino.

— Que lens? perguntou-lhe o maluco.

— Estou muito aflito porque tenho uma conta para fazer e não a fiz ainda...

— Estás muito aflito?! certificou-se o maluco. Mas isso é muito engraçado. E deu duas gargalhadas.

Ante a troça do boneco o menino desatou a soluçar. Então o maluco quis consolá-lo:

— Ouve, Joãozinho. Eu vou-te ajudar a fazer a conta. Toma atenção. Para multiplicar 24 por 15...

Mas eu não te disse que eram êsses números, interrompeu o menino muito admirado.

— Eu li no papel, explicou o maluco. Tu sabes que 24 são 4×6 e que 15 são 3×5 . 4 são 2×2 e 6 são 3×2 . Multiplicas $2 \times 2 \times 3 \times 2 \times 3 \times 5$ e tens a conta feita. Percebeste? Isto é muito simples...

— Não percebi nada, disse Joãozinho muito triste. Fazes-me maluco com essas trapalhadas. Naturalmente queres-me pegar a tua doença.

— Sabes muito pouco de aritmética. Mas eu vou explicar de outra maneira. Multiplicas 24×3 e 24×5 , somas os resultados e tens a conta feita. Isto agora é claro...

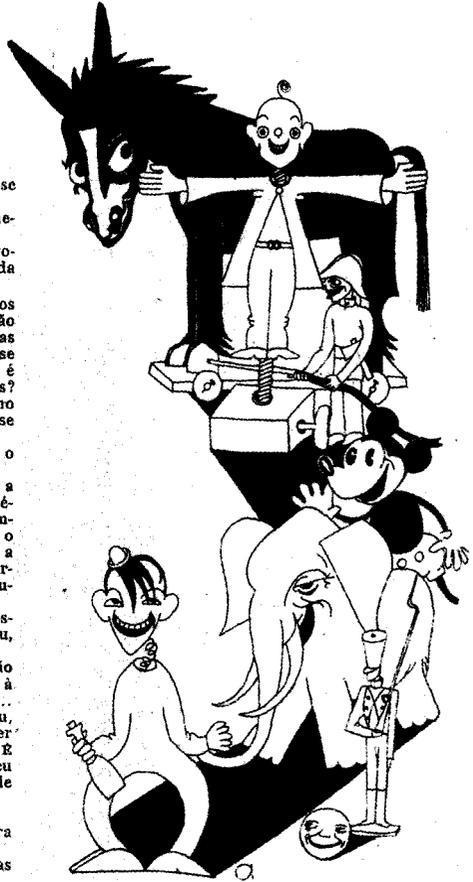
— Parece-me muito escuro, disse Joãozinho. É como é quasi noite já mal te vejo. Estou pensando que vou jantiar sem fazer a conta e os meus paizinhos ralharem-me.

— Não queres aprender, condenou o maluco. O teu mal é estares a dormir. Precisas de acordar para compreenderes isto. Eu abanava-te mas não tenho força e sou muito baixinho. Tu nem já ouves o que eu digo.

De facto Joãozinho sentia-se estúpido e mole. Não percebia mesmo nada do que lhe estavam a dizer.

O maluco gritou-lhe:

— O hombeiro vai deitar-te um duche frio a ver se espertas.



Logo a seguir, Joãozinho sentiu as suas costas arrefecerem e depois todo o corpo. Ele não via o hombeiro porque estava de costas voltadas e a escuridão enchiu o quarto, mas pensava que aquilo era esquisito porque a agulheta não costumava deixar água. E o mais esquisito é que refrescava mas não se sentia molhado. Era verdade. O hombeiro estava a dar-lhe um duche; mas não era de água, era de frio. Mas, fôsse como fôsse, começava a sentir a cabeça mais leve e os pulmões menos oprimos.

Os bonecos desapareciam na escuridão.

Agora, ouvia apenas rurar no escuro ali ao seu lado. Era a voz do burro, baixinha e muito próxima: — faz tu a conta, sem pedires auxílio! faz tu a conta, não te esqueças!

E Joãozinho acordou, abriu os olhos e, num pulo, pôs-se em pé. A janela estava aberta e o sol entrava.

E o menino ficou muito triste, sentindo-se vexado. E, embora estivesse sózinho, corou até às orelhas, envergonhado por receber conselhos dum burro. Mas, num instante, fez a conta: $24 \times 15 = 360$.

Só a mim contou o seu sonho. E eu disse-lhe, com ar grave:

— Joãozinho, Joãozinho! Para aconselhar um menino preguiçoso até um burro tem razão.

ÁLVARO CUNHAL

Anexo 3



O GAIATO

SEMANARIO INFANTIL

Publica-se às Quintas-feiras

Directora, proprietaria e editora: ALICE OGANDO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO MUNDO, 68, 70 — TELEFONE 46646 — LISBOA

Composto e impresso na Litografia SALES LISBOA

|| Numero avulso: 1\$50 ||

ASSINATURAS: 12 numeros, 16 escudos.
24 numeros, 32 escudos.

Distribuidores: AGENCIA INTERNACIONAL DE PUBLICAÇÕES, Lda, R. DE S. NICOLAU, 119, 2. - LISBOA

DESMENTIDO

(Facecia conhecida)



Querendo ir ao mercado o Zé da Adiça

Com um carregamento

De fruta e de hortaliça,

Foi pedir ao Jerónimo o jumento.

Nisto, porém, ouviu-se um grande zurro

E o Zé gritou, feroz:

— «Mente, compadre! O burro

«Não saiu tall Bem lhe conheço a voz!»

— «De bom grado (disse êste) o emprestaria

«Mas não o tenho no curral agora;

«Anda a puxar à nora.

«Vá o compadre a outra freguesia».

Respondeu-lhe o compadre, pe:horrento:

— «Não o julgava assim!

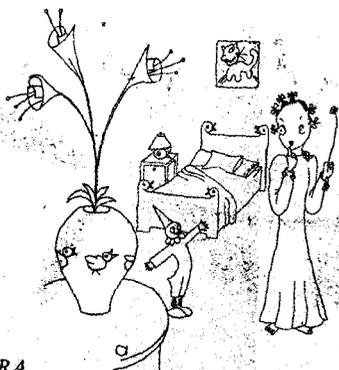
«Pois acredita nas palavras do jumento:

«Não que acredita em mim!»

A C A C I O D E P A I V A

Anexo 4

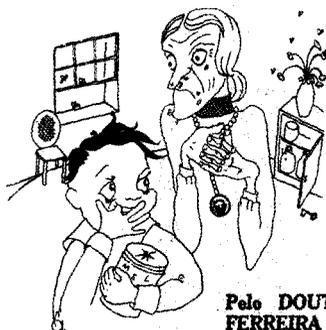
A Respiração das Flôres



PELO DOUTOR
FERREIRA DE MIRA

Anexo 5

AS ABELHAS



Pelo DOUTOR
FERREIRA DE MIRA

Anexo 6

A Curiosidade de Helena

Pelo Doutor
FERREIRA DE MIRA



NAQUELA manhã de primavera, Helena corria pelo campo, aos zigue-zagues como uma abelha, e também como as abelhas saltando de flor em flor. Mas Helena, mais cruel, não se contentava com aquele jeito, quasi tão suave como uma

Anexo 7

HISTÓRIAS CONTADAS por um menino inglês

EU chamo-me Joe, e sou um menino inglês, nascido numa casinha dos arrabaldes de Londres — uma cidade muito grande, que fica muito longe daqui. Vim para cá num navio todo branco, onde os marinheiros brincavam comigo; e gosto bastante de aqui estar, embora por muito tempo não percebesse o que diziam as pessoas desta terra quando falavam umas com as outras. Agora já percebo tudo!... E como tenho ouvido algumas histórias muito bonitas, quero também contar aos meninos daqui algumas que me contaram quando eu ainda estava em Londres, e não conhecia ninguém que não falasse como eu...

Uma delas — a que eu vou dizer-lhes hoje — é mesmo verdadeira: é a história do rei Canuto. E quando a tiverem ouvido, até há um menino que eu conheço que vai dizer de si para si: «Aquilo at podia acontecer com o tio José, que esse é que não gosta que lhe mintam!» (O tio José, aquele que, quando ouve alguma coisa que lhe não parece ajudada, faz uma cara muito séria, tal qual o rei de paus do baralho das cartas...).

E o nome do herói da história?!... Não conhecem ninguém com um nome igual, aposto!...

Canuto!... E feio, não é?!... Pois era assim que o tinham baptisadol...

Isto que eu vou contar-lhes passou-se há muitos, muitos anos, de modo que nem os avós dos nossos avozinhos conheceram já ninguém d'esse tempo!...

O rei vivia num grande palácio de pedra cor de rosa, com muitas salas, varandas e jardins; e, quando anoitecia e os criados vinham acender as luzes, nem se faz ideia de como tudo aquilo lá por dentro era de encantar!

Se havia festas, então, parecia que se andava por dentro duma «Árvore do Natal», com estrelinhas por todos os cantos; e como toda a gente gosta de se divertir, os salões ficavam a abarrotar de convidados...

Numa cadeira pesada e larga, enfeitada com bocadozinhos de ouro e de prata — e que se via mesmo que era diferente das outras — costumava sentar-se o rei, com a rainha ao lado direito. E não havia fidalguinha nem fidalgote que, desejando agradar-lhes, não se desfizesse em saíamaleques e elogios.

A rainha, que era magrizona e tinha um olho mais pequeno do que o outro, diziam que não havia em todo o reino senhora mais formosa, nem mais elegante do que ela. Ao marido, que era homem de poucas falas, e detestado por muitos, repetiam que toda a Corte andava, encantada com o seu espirito, e que não existia, em todo o mundo, soberano mais valente, mais poderoso, nem a quem os vassallos tivessem mais amor!...

Uma tarde, um conde qualquer, que tinha uma cabeleira cor de cenoura e uma cara que lembrava

um grão de bico, disse a Canuto que não havia dificuldades do seu poder não conseguisse vencer. Mas o rei achou que o Conde Grão-de-bico, para dizer aquilo, era, com certeza, muitíssimo fingido ou muitíssimo parvo.

E logo ali deu ordem para que fôsem pôr o tronco — que era a tal cadeira esquisita — á beira-mar; e, muito calado, foi caminho da praia, onde a maré começava a subir.

Chegado lá sentou-se e principiou a conversar; e daí a pouco estavam as águas já quasi ao pé d'ele. Vendo isso, os fidalgos olhavam uns para os outros, com ar de quem diz: «Então vamo-nos molhar assim, sem graça nenhuma?!... E para quê?!...»

Mas como o rei não fazia menção de se levantar, nenhum d'elles se atrevia a arredar pé.

Então Canuto estendeu a mão para o mar e disse: «Oceano, a terra em que estou sentado é minha; fazes parte dos meus domínios; proibo-te que chegues aos meus pés!».

Mas o mar, já se vê, continuou a subir e estavam já encharcados até aos joelhos todos os presentes. Com um nariz de palmo e meio, o rei Canuto voltou-se para o Conde Grão-de-bico e disse-lhe:

— «Bem vêdes o que é o poder humano comparado com o d'Aquêle que disse ao Mar: Não irás mais além!...»

E voltando as costas foi pelo areal acima, caminho do seu palácio, enquanto os cortezãos riam a bom rir da cara despeitada, vermelha de vergonha, do conde mentiroso e trapaceiro que tinha o cabelo cor de cenoura e a cara parecida com um grão de bico...



Esta história que os meus amiguinhos acabam de ouvir, não é a mais bonita das que eu sei. Há outras melhores e que metem muita gente, mas essas ficam para outra vez — depois de eu saber se gostaram desta que eu lhes contei — eu que me chamo Joe, e que sou um menino inglês...

Pela cópia:

ADELAIDE FELIX